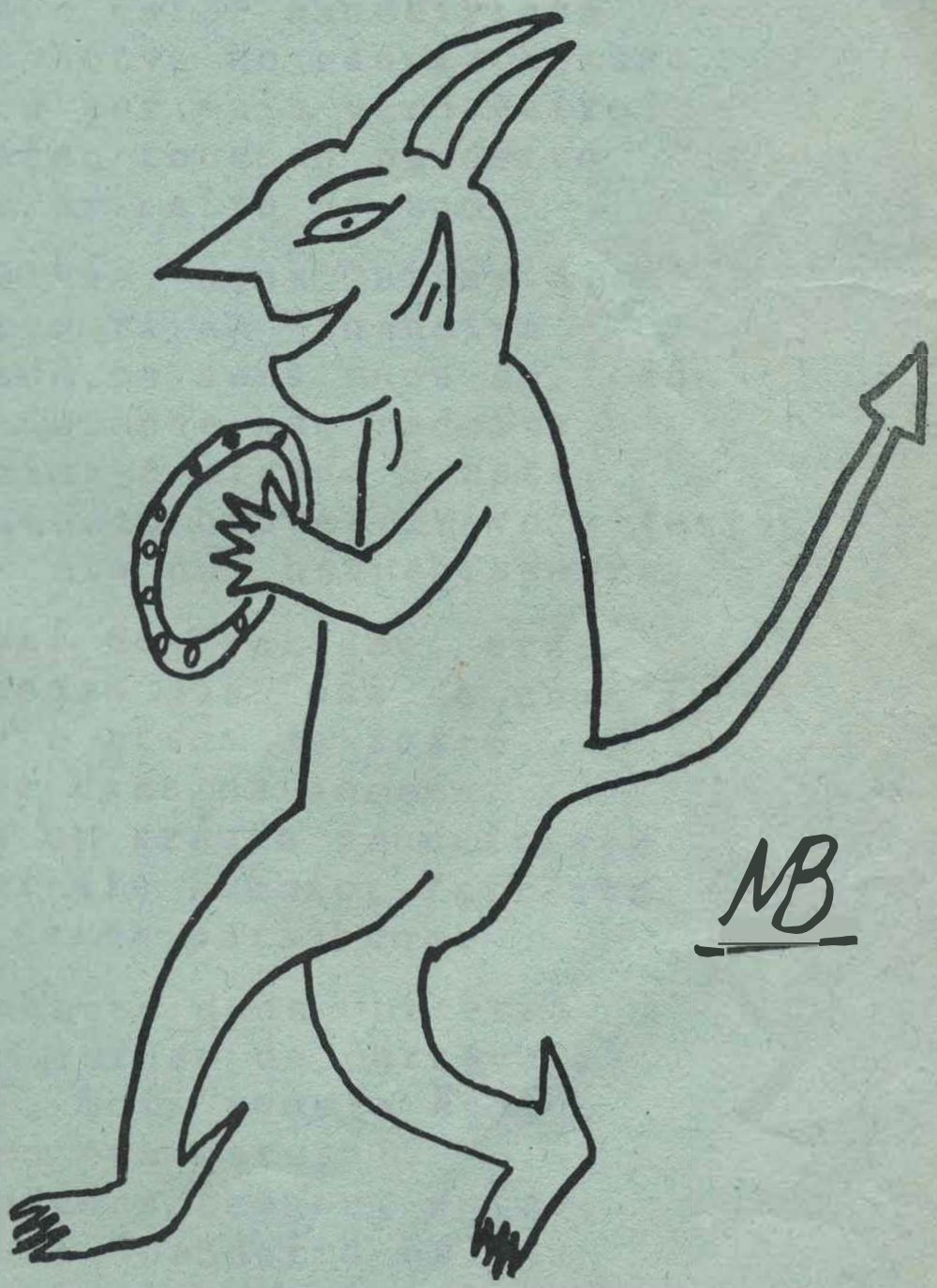
PAULO NUNES BAPTISTA

O HOMEM QUE TOCOU PANDEIRO NO INFERNO



DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS LEGALMENTE

AUTOR: PAULO NUNES BAPTISTA.

O HOMEM QUE TOCOU PANDEIRO NO INFERNO.

Praxedes Apolinário,
um cabra paraibano,
foi o maior pandeirista
que houve no gênero humano.
Para ser mais verdadeiro:
nasceu tocando pandeiro
dia primeiro do ano.

Sua Mãe, dona Quitéria,
moradora em Bananeira,
desde os seis anos de idade
foi grande namoradeira.
Dizia: a pisada é esta,
enquanto houver frevo e festa
pra mim não háquebradeira.

O pai de Praxedes, era
campeão dos "pés de cana";
vivia atrás de forró
sete dias na semana:
era um grande pandeirista
-foi ele o maior farrista
da terra paraibana.

Conheceu dona Quitéria
num cordão de carnaval.
Daí, foi "aquela água",
como era natural.
Praxedes chegou, então,
já de "pandeiro na mão
neste globo terreal.

Um mês depois de nascido
Praxedes já dava show.
Os gatos da redondeza
um por um ele catou:
matava e tirava o couro.
Um pandeiro, até, de ouro,
num concurso ele ganhou.

Com pouco, a fama do cabra
correu pelo mundo a fora.
Pandeirista como aquele
mulher não "bota pra fora":
tocava "o bicho" deitado,
de costas, de frente e lado,
não tinha dia nem hora.

Para Praxedes, pandeiro
era um ente sem segredo:
jogava pra lá das nuvens,
depois, pegava no dedo,
rodava igual carrapeta,
dava um chute de puxeta,
fazia o maior brinquedo...

Praxedes, para mostrar
ser pandeirista de fé,
numa festa de casório,
a noite toda, em Coité,
deu uma demonstração:
em vez de tocar com a mão,
tocou pandeiro com o pé!

Pandeiro nas mãos do cabra
era uma coisa louca.
Já usava, na cabeça,
um pandeiro como touca.
Quando lhe dava uns repentes,
ele tocava com os dentes,
dava de língua e de boca.

A destreza de Praxedes
precisa que se conheça:
quando ele queria mesmo
tocava só de cabeça,
sem o menor embaraço.
Não perdia um só compasso.
dizendo: -O bom, apareça!

Certa vez, Praxedes velho
fez uma grande proeza:
usando a ponta da venta
tocou deitado na mesa
sobre cacos de garrafa,
vestido com uma tarrafa,
na testa uma vela acesa...

Das coisas fora de série
que o velho Praxedes fez,
teve uma que ficou
falada até mesmo em inglês:
tendo os dois pés amarrados,
tocou, de olhos vendados,
dez pandeiros de uma vez!

Diziam até que Praxedes
podia ser gente, não!
Pra tocar daquele jeito,
só tendo partes com o Cão.
Num forró, em Cabedelo,
tocou só com o cotovelo,
sem pôr no pandeiro a mão.

Além de bom pandeirista,
era cantador de coco.
Ele tirava embolada
de deixar cantador louco.
Um tal Filó do Riacho
venceu, de quengo pra baixo
cantando em cima de um toco.

Cantava um tal "coco pela"
e um tal de "coco do coça",
que dava no Adversário
coceira daquela grossa:
o cara perdia o coco,
saía gritando, rouco:
-Valha-me Deus!Minha Nossa!

Praxedes Apolinário
tomava umas talagadas
de aguardente e querozene
e outras drogas misturadas.
Quando o olho aboticava,
coquista não lhe ganhava
no coco das emboladas.

Praxedes Apolinário
preferiu ficar solteiro.
Dizia:-Mulher não falta,
e eu quero ser do pandeiro,
ser da farra e da aventura;
saia, pois, não me segura
na roda do mundo inteiro.

Morava Praxedes velho
com a Mãe, dona Quitéria,
que, depois de aposentada,
viúva, bancava a séria.
Praxedes quando saía,
a mãe pergunta aonde ia
e ele dizia pilhéria.

Uma hora dizia à velha:
-Vou tocar no Rancho Fundo.
outra hora dizia:-Eu vou
sambar no oco do mundo.
A mãe respondia: -Vai!
Segue o exemplo de teu pai
que acabou de um jeito imundo!

Sexta-feira, dia 13
de um pesado mes de agosto,
Praxedes disse à mãe dele:
-Eu hoje não estou disposto
a lhe dar satisfação,
pois vou tocar para o Cão.
A velha virou-lhe o rosto.

Então Praxedes montou-se
no cavalo, deu na espora.
O bicho desembestou-se
saltando de estrada a fora.
Tinha um contrato firmado
de ir tocar em um noivado,
disse consigo:-É agora!

A noite estava tremenda.
Caiu uma tempestade.
Praxedes não via nada.
Quando abria a claridade
dos relâmpagos, tentava
ver se o caminho enxergava
-só via dificuldade.

Esse cavalo pulava,
como um danado corria.
Na sacola do pandeiro
Praxedes grudado ia.
No escuro, com chuva e vento,
Praxedes, no sofrimento,
sem saber pra onde seguia.

Depois de muito correr,
o cavalo, então, parou
na porta de um palacete,
onde Praxedes saltou.
Ouvindo música dentro,
pensou ele:É festa, eu entro,
no meu elemento estou!

Antes de bater na porta
a dita cuja se abriu.
Um criado de libré
deu boa-noite e pediu
que Praxedes adentrasse
e seu pandeiro pegasse
e o seguisse, e ele seguiu.

Entraram num corredor,
sairam em grande salão.
Era um baile à fantasia,
na maior animação.
Todo mundo mascarado
e a rigor fantasiado.
Praxedes disse:-Essa,não!

Assim que viram Praxedes
a orquestra silenciou.
-Toque o pandeiro, Praxedes!
alguém do meio, gritou.
Praxedes disse:-Caramba!
atacou feio num samba
que de repente tirou.

A coisa aí pegou fogo.
No calor da batucada,
todo mundo rebolando
na folia mais danada.
Praxedes disse:-Eu me acabo!
Nunca vi gente com rabo
como nesta mascarada!

Quanto mais ele tocava
mais bis o povo pedia.
Samba e frevo ele emendava,
que faisca até saia
da mão batendo no couro.
Mas, só sendo desaforo!
-Mais!, o salão repetia.

Deu 5 pra meia-noite
naca de baile parar.
Um cara chegou-se perto
de Praxedes, pra falar,
tirou a máscara e disse:
-Gostaria se lhe visse
tocando noutro lugar!

Aí Praxedes olhou
pra cara do tal sujeito
e disse:-Estou me lembrando
dessa fala e desse jeito!
Você não é Zé do Prado,
um, que foi assassinado
com cem facadas no peito?

O cabra disse:-De fato,
eu fui Zé do Prado,um dia!
Praxedes lhe perguntou:
-Então, que faz nesta orgia?
Se você já é defunto,
como comigo está junto
neste baile à fantasia?

O defunto Zé do Prado
respondeu:-"Isso é porque
todo mundo aqui é morto,
o único vivo é você...
Mas, se não sair ligeiro,
nem você nem seu pandeiro
no mundo ninguém mais vê...

-Você disse à sua mãe
que ia tocar pro Diabo.
Pois, veio! Daqui a pouco
vai ter chifre e criar rabo.
Você só tem dois minutos
pra se livrar desses brutos,
antes que eles lhe dêem cabo.

-Quando der a meia-noite
na casa do Satanás,
aquele que estiver dentro
só pode sair, rapaz,
depois de entregar a alma."
Praxedes lhe disse:-Calma!,
comigo isso não se faz!

Olhou pro grande relógio
que brilhava na parede
e gritou:-Agora, eu paro,
que estou morrendo de sede!
Me tragam um copo de cana,
que ainda toco uma semana
sem pensar em ir pra rede!

O dono da festa, um bicho
de cara e chifre de bode,
disse:- Um minuto, somente!
Depois, se segue o pagode.
Sirvam para o pandeirista
copo cheio até à cirista
de "Comigo Ninguém pode!".

O garçon trouxe a garrafa
e Praxedes foi servido.
Aproveitou o momento
e disse ter esquecido
a chave do seu pandeiro
no cavalo, e, bem ligeiro,
saiu sem ser presentido.

Mal botou os pés de fora,
a meia-noite bateu.
Montou, correndo, o cavalo,
que noite a dentro correu.
Acordou no outro dia
na estrada, na lama fria.
Quanto ao cavalo, morreu.

Acharam o pobre Praxedes
de corpo lanhado e nu...
Cabeça toda pelada,
fedendo a chifre e timbu...
Do pandeiro, só restava
uma tarracha, que estava
sobre um pé de mulungu...

Daquele dia pra frente
Praxedes nunca mais foi
homem pra bater pandeiro.
Vivia - Deus me perdôe! -
triste, murcho, feio e seco
parecido um caju peco
ou uma caveira de boi!

Se acaso escutava alguém
bater pandeiro por perto,
ele tirava de fino,
dizendo: - Isso não dá certo!
De couro, só quero o meu!
Já foi o tempo em que eu
me perdi nesse deserto!

O pior era a catinga
de enxofre e chifre queimado
que Praxedes exalava
no mundo, pra todo lado.
Um rabo pegou nascendo,
dia e noite foi crescendo.
Praxedes, aperreado.

Pra todo filho que à mãe
costuma dar má resposta,
esta sirva de lição.
Eu digo e faço uma aposta:
-Quem prepara o mau tempero,
vai comer do desespero
e beber do que não gosta.

Esta história do Praxedes
escutei quando menino
na Paraíba do Norte,
o meu torrão nordestino.
Quem gostou, compre o folheto,
que este caso, eu lhe prometo,
só vai lhe dar bom ensino.

Quem procura o que não presta
vai encontrar, no roteiro,
aquele mesmo futuro
de Praxedes do Pandeiro.
Tenha cuidado na língua,
porque a sorte, às vêzes, míngoa,
como mes de fevereiro...

P.ara todos os leitores
A.qui deixo meu abraço.
U.mcara como Praxedes
L.onge esteja de seu passo.
O.folheto, quem levar,
N.unca possa encontrar
B.arreira, crise, embaraço.

F I M.

PAULO NUNES BAPTISTA: Nascido em 02/08/1924 João Pessoa - Poeta desde 1948. Possui aproximadamente 100 titulos editados. Reside em Goias na Cidade de Anapolis, onde exerce a função de Agente Arrecadador. Seus trabalhos mais divulgados São: "Zé Bico Doce O Rei da Malandragem", "Um Drama nas Selvas da Amazonia", "A Herança que Minha Sogra Deixou"

OBRAS DE RODRIGUES DE CARVALHO

Serrote Preto - Lampião e seus sequazes 2.ª edição
Cr$ 100,00 - 488 Pgs.

Lampião e a Sociologia do Cangaço - 1.ª edição
Cr$ 100,00 - 400 Pgs.

Paris Pela Rama - 1.ª edição - Cr$ 40,00 - 200 Pgs.

Os Marítimos - 1.ª edição - Cr$ 40,00 - 212 Pgs.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

LIVRARIA FREITAS BASTOS: Rua Sete de Setembro, 127/129 ou
Rua Álvaro Alvim, 33/37 - Gr. 610 - Rio de Janeiro